

CAPÍTULO 5

COMO DEVEM OS PASTORES CONDUZIR O SEU REBANHO. QUE OS MOÇOS LHES VIVAM SUJEITOS. QUE TODOS SE HUMILHEM. QUE TODOS CONFIEM NA PROVIDÊNCIA. QUE TODOS RESISTAM AO DIABO PELA FÉ, E PELA TEMPERANÇA.

1 Esta é pois a rogativa que eu faço aos presbíteros, que há entre vós, eu presbítero como êles e testemunya das penas que padeceu Cristo: E que hei de ser participante daquela glória, que se há de manifestar para o futuro:

2 Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dêle, não por fôrça, mas espontâneamente, segundo Deus: Nem por amor de lucro vergonhoso, mas de boa vontade.

3 Não como que quereis ter domínio sôbre a herança do Senhor, mas fazendo-vos, de boa vontade, o modelo do rebanho.

4 E quando aparecer o Príncipe dos pastores, receberéis a coroa de glória, que nunca se poderá murchar.

5 Semelhantemente vós, mancebos, obedecei uns aos outros. E inspirai-vos todos a humildade uns aos outros, porque Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes.

6 Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão de Deus, para que êle vos exalte no tempo da sua visita,

7 remetendo para êle tôdas as vossas inquietações, porque êle tem cuidado de vós.

8 Sêde sóbrios, e vigiai: E porque o diabo vosso adversário anda ao derredor de vós, como um leão que rugge, buscando a quem possa tragar:

1.^a Epístola de S. Pedro Apóstolo 5, 9-13

9 Resisti-lhe fortes na fé, sabendo que os vossos irmãos, que estão espalhados pelo mundo, sofrem a mesma tribulação.

10 Mas o Deus de toda a graça, o que nos chamou em Jesus Cristo à sua eterna glória, depois que tiverdes padecido um pouco, êle vos aperfeiçoará, fortificará e consolidará.

11 A êle glória, e império por séculos de séculos: Amém.

12 Por Silvano, que vos é, segundo entendo, irmão fiel, vos escrevi brevemente: Admoestando-vos e protestando-vos que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual estais firmes.

13 A Igreja, que está em Babilônia, escolhida com vós-outros, vos sauda, e Marcos meu filho. (1)

(1) **EM BABILÔNIA** — Todos os intérpretes católicos, guiando-se por uma tradição universal e constante, cuja primeira testemunha é Papias, discípulo dos Apóstolos, têm sempre entendido que Babilônia se toma aqui pela cidade de Roma, o que prova também a estada de S. Pedro na Cidade Eterna. *Civitatem illam Romam verbi translatione Babylonem appellat.* Papias, citado por Eusebio, *História Eclesiástica*, 1.^o 2.^o, cap. 14. Esta interpretação é adotada por todos os antigos, à excepção de Cosmas Indias pleusta, escritor alexandrino do principio do século 6, e atravessou desde então até ao século 14, encontrando apenas dois contraditores: Amru Mathaei e Jesuib de Nisihe, escritores assírios, citados pelo sábio Assemani nos seus estudos sobre Biblias Orientais. Estas divergências raras não podem prevalecer contra a tradição geral. Como é sabido, existiam duas cidades com o nome de Babilônia: uma no Egipto, na qual estacionava uma das três legiões romanas que guardavam aquele país. (Strabão, *Geografia*, 1.^o 7.^o). A outra era a Babilônia dos Caldeus, que ainda naquele tempo subsistia — *sui juris urbis et libera* (Plínio *Espiritu*, 1.^o 5 sp. 6). A primeira chama Strabão *Castellum*, e certamente não era desta paragem, que corresponde ao Cairo moderno, que escrevia S. Pedro, pois ali não havia nenhuma Igreja ou assembléa de Cristãos. Sendo tantos os concílios celebrados na circunscrição eclesiástica de Alexandria, não aparece nas atas de nenhum deles a assinatura do Bispo da Babilônia. Pelo que

14 Saudai-vos uns ao outros pelo santo ósculo: Graças a vós todos que estais em Jesus Cristo. Amém.

respeita da Babilônia dos Caldeus, temos o testemunho de Flavio Josefo, quando diz que em tempo de Caligula os Judeus que viviam em Babilônia e entre os assírios foram em grande parte assassinados pelos habitantes, sendo expulsos os poucos que escaparam. Além disso, de parte alguma consta que nessa cidade se formasse uma Igreja, desde os tempos Apostólicos. Por consequência, a nenhuma delas tentava aludir S. Pedro na sua Epístola. No Apocalipse, Babilônia designa Roma, e por isso escreveu Tertuliano: *Sic et Babylon, apud Joanem nostrum, romanae urbis figuram portat, preindae et magna et regna superbiae, et sanctorum debellatricis*. Mauri entende que esta bênção metafórica fôsse muito usual entre os primitivos Cristãos. Alguns fragmentos antigos, recentemente publicados, dão à capital do grande império o nome de *Babylon Roma*. Esta designação generalizou-se posteriormente, para ser distinta da Constantinopla, a *nova Roma*. De resto, esta Epístola de S. Pedro contém indícios intrínsecos de haver sido escrita em Roma, pois avisa os Cristãos das províncias orientais de que está iminente uma perseguição por parte do imperador. Ora, este fato só podia ser conhecido por um habitante de Roma, e não por quem residisse em Babilônia. Supõem alguns que S. Pedro substituiu o nome de Roma por uma expressão simbólica, para prevenir alguma perseguição. Sabe-se que, em virtude de instruções recebidas de Claudio, tinha Herodes Agripa mandado prender S. Pedro; ora, tendo saído do cárcere, motivos de prudência o aconselhavam a ocultar a sua residência. Conquanto esta opinião não deixe de ter fundamento, contudo, salvo devido respeito, parece-nos mais plausível a explicação dos outros exegetas, que dizem que S. Pedro empregou uma metáfora frequentemente empregada e por isso facilmente percebida por todos. Assim como a antiga Babilônia ostentava no mundo um quadro de abjeções, Roma equiparava-se-lhe, caindo nos enormes abismos e corroida pelas mesmas torpezas. Cabia-lhe, pois, bem o título de Babilônia, como quem tinha tantos pontos de contacto. Abona esta opinião o emprêgo freqüente da equivalente metáfora em muitas obras de autores contemporâneos. E que S. Pedro estava em Roma, foi Bispo de Roma e em Roma foi martirizado, é ponto averiguado pela história.

E MARCOS MEU FILHO — Quase todos os antigos e modernos dão por certo que este Marcos era o Evangelista, a quem S. Pedro chama filho seu pelo especial amor de que o fazia digno a solícita cooperação no pregar e difundir o Evangelho, de sorte que a respeito de S. Pedro fosse Marcos, como a respeito de S. Paulo era Timóteo. Ou também, e principalmente o chamar-lhe filho, procederia de ter sido S. Pedro o que gerara pelo batismo a Marcos, como Barônio mostra com boas autoridades.

